
O Delírio da Experiência com Coisas Reais: Vivências de Um Rapaz Latino-americano¹

Amanna Luiza de Brito Nunes²
Cláudio Rodrigues Coração³
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

RESUMO

O presente artigo tem como foco a análise da vida e obra do cantor cearense Belchior, buscando explorar e confrontar questões abordadas por ele em sua carreira. O cantor possui um trabalho que perpassa por diversos temas, construídos com base em suas inspirações teóricas nos livros, na poesia, na regionalidade e no diálogo com a música internacional. Demarcar o seu lugar de sujeito pensante (ainda que errante), nordestino e latino-americano é ponto importante para pensar em suas criações. Além de localizá-lo no tempo: um artista que despontava na era pós-tropicalista, em plena ditadura militar. As reflexões sobre o homem, sobre as desigualdades de classe, os seus deslocamentos e os afetos decorrentes desse conjunto de fatores implicam na necessidade pensar esse artista como fonte de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: música; arte; cultura popular; latinidade; nordeste.

Palavra e Som São Meus Caminhos Para Ser Livre

Dos alto-falantes instalados nas praças do interior do Ceará, nasce o primeiro contato de Belchior com a música. Nas cidades interioranas, na primeira metade do século XX, esse era um dos poucos meios de se conhecer e divulgar uma produção cultural. Sobral, cidade onde nasceu o cantor, localizava-se no norte do Ceará e era descrita por ele como uma cidade localizada no “entroncamento de todas as estradas que levam para o extremo norte”, como afirma Medeiros (2017, p.22). Nas margens do Rio Acaraú e rodeado de estradas que despontavam para os caminhos mais ao norte, Belchior nasce como o décimo terceiro do que viria a ser uma família de vinte e três irmãos. A religiosidade ensinada por sua mãe, as brincadeiras em volta do rio com seus irmãos, o envolvimento com os animais (em especial as galinhas garnizé), compunham essa atmosfera do que seria a infância pacata do futuro cantor “sem parentes importantes e vindo do interior”.

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo do ICSA-UFOP, e-mail: amannanunes@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo ICSA-UFOP, e-mail: crcorao@gmail.com

Não por acaso, desenvolveu gosto pela arte desde muito novo. Iniciando os seus estudos musicais ainda na infância, sofreu influência de sua mãe Dolores, que cantava na igreja, de seu avô Otávio, que tocava diversos instrumentos, e de seus tios poetas (TEIXEIRA CARLOS, 2007). Em entrevista concedida à TV Cultura no ano de 1973, no programa MPB Especial, Belchior afirmava vir de uma família pobre e numerosa. Falou com carinho da região de onde veio - esta que serviria de inspiração para diversas composições que ainda viriam a surgir, como se pode observar na letra de “Conheço meu lugar” do disco *Era uma vez um homem no seu tempo*, de 1979: *Não há pranto que apague/ dos meus olhos o clarão/ Nem metrópole onde eu não veja/ O luar, o luar do sertão!*

Nos anos 1960, já adolescente, Belchior se muda para Fortaleza junto de sua família. O pai tinha interesse de que os filhos prosseguissem com os estudos, o que não seria possível na pequena Sobral, pois lá “só conseguiam cursar até a terceira série do antigo ginásio” (MEDEIROS, 2017, p. 26). O cantor reforça a influência que recebeu da família para seguir os estudos na entrevista dada ao programa MPB especial, salientando que sua família “estava destinada, por uma jurisprudência formada no Ceará, a serem doutores”.

Em Fortaleza, Belchior teve a oportunidade de continuar seus estudos e de ter contato com um ambiente completamente diferente do que estava acostumado no interior. A natureza, que se apresentava por outra perspectiva, tocou profundamente o cantor, que pôde pela primeira vez ver o mar e desfrutar das sensações provocadas por aquele infinito líquido e fluído ao qual se encontrava exposto. Mais tarde, encontraria na obra de um dos seus poetas preferidos, Carlos Drummond de Andrade, a descrição do que seria aquele sentimento de medo diante do mar, como se observa no poema “Congresso Internacional do Medo”: “Provisoriamente não cantaremos o amor/ que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos/ Cantaremos o medo que esteriliza os abraços [...] o medo dos grande sertões, dos mares, dos desertos”.

O medo foi um dos afetos que se manifestou fortemente na obra de Belchior. Em seu estilo de composição culto, sensível e muitas vezes melancólico, o cantor afirmava através de suas letras que vivia acompanhado do medo. O poema de Drummond, por exemplo, serviu de inspiração para a composição da canção “Pequeno mapa do tempo”, na qual o cantor descreve o quanto o medo se faz presente em sua trajetória: *Eu tenho medo/ e medo está por fora/ medo anda por dentro do meu coração*. Ao longo da música, descreve medos que vão de medos comuns como o medo de avião ou o medo da morte, até medos surreais como o medo de um fantasma escondido no porão.

Em outro trecho da canção, afirma ter medo de olhar para si com cautela e se deparar com outro sentimento que também carregava: a solidão. *Eu tenho medo de abrir a porta/ que dá pro sertão da minha solidão*. Apesar do medo de se descobrir solitário, reivindicava, em outros momentos, a compreensão do outro desse estar só: *Meu bem, talvez você possa compreender/ a minha solidão, o meu som, a minha fúria/ e essa pressa de viver*, clamava em “Coração Selvagem”.

Belchior cantou a solidão em suas mais diversas faces. A “solidão das pessoas dessas capitais” descrita na música “Alucinação” tratava de um conceito mais amplo de solidão, ligado a urbanidade. Na segunda metade do século XX, após a II Guerra Mundial, ocorreu no Brasil uma expansão da industrialização que teve como consequência uma aceleração do processo de urbanização. As capitais passaram a ser fortemente ocupadas, tornando-se grandes centros urbanos, o que alterou significativamente a vida dos cidadãos que passaram a habitar aqueles locais.

Na nova realidade apresentada pelas metrópoles, o sujeito passou a lidar com uma série de fatores como um custo de vida mais elevado, uma carga horária de trabalho mais extensa, um maior tempo gasto no deslocamento pela cidade, um ritmo de vida mais acelerado. Essa nova condição de vida gerou um isolamento do indivíduo que passou a não ter mais tempo para coisas banais, para o lazer e seus prazeres. Ocorre um afastamento do indivíduo em relação aos estímulos da cidade, o qual, por uma percepção distorcida, passa a enxergar apenas o vazio, afundando-se em sua insensibilidade. À esse estado do sujeito foi atribuído, pelo sociólogo George Simmel, o termo *blasé*. O sujeito *blasé* se encontra tão saturado da enorme carga de informação derivada do cenário urbano que passa a se manter indiferente a novidade, insensível ao que vê, gerando um ser isolado e apático à realidade cotidiana⁴.

Assim o consumo passa a ser a sua única forma de completude, na qual os bens materiais aparecem para preencher esse vazio afetivo. Na canção “Paralelas”, Belchior trata da solidão urbana e da crítica ao consumo ao mencionar a infelicidade do sujeito que, em um momento de angústia, possui apenas a companhia de seu automóvel. *Dentro do carro/ sobre o trevo a cem por hora/ ó meu amor/ só tens agora os carinhos do motor*. Mais à frente na mesma canção, é enfático ao afirmar que ao enriquecer se torna mais distante de seus afetos. *E no escritório em que eu trabalho/ E fico rico, quanto mais eu multiplico/ diminui o meu amor*.

⁴ “Atitude Blasé e Inteligência: Uma Breve Descrição do Ambiente Metropolitano” – Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, v. 11, n.4, p. 147-158, out/dez. 2013.sanche

Diante de todos esses afetos e fontes de inspiração que lhe rondavam, Belchior passou a desenvolver também um grande interesse pela literatura, o que influenciaria diretamente na sua construção como compositor e conseqüentemente na elaboração de suas letras.

Mas foi a partir da literatura que Belchior considerava que tinha criado e requintado a experiência profissional da música: João Cabral, Drummond, Verlaine, Rimbaud. A vocação aflorou na universidade, no contato com a música de Caetano, Chico Buarque, Gilberto Gil “o que me pareceu ser a MPB mais requintada, que tinha ligação com a produção literária” (MEDEIROS, 2017, p. 44).

Em entrevista ao Professor Pasquale, no Programa Nossa Língua Portuguesa, da TV Escola, em 1996, Belchior declara ter a letra como “ponto focal” de seu trabalho, vendo a música como “extensão da palavra, a supervalorização da sonoridade da palavra”. Na canção “Apenas um rapaz latino americano”, reforça a importância da potência da palavra na transmissão da mensagem, que em sua força chega a ferir, tocando o interlocutor da maneira mais íntima e até física. *Sons, palavras são navalhas/ e eu não posso cantar como convém/ sem querer ferir ninguém*. Ressalta-se que esse trecho foi composto tendo como referência o poema “A Palo Seco” de João Cabral de Melo Neto, uma de suas grandes inspirações (do qual surgiria a música de Belchior com o mesmo nome). “O cante a palo seco/ é um cante desarmado: só a lâmina da voz/ sem a arma do braço” – exclamaria João Cabral em seu poema.

Em meio a um ambiente de muitas leituras e de uma efervescência cultural que pulsava na capital cearense nas décadas de 1960 e 1970, Belchior inicia os seus estudos na Universidade Federal do Ceará. Começa a cursar Medicina ao mesmo tempo em que inicia as suas apresentações musicais e passa a se relacionar com artistas da região, como afirma Teixeira Carlos:

Em Fortaleza, cidade para a qual partiu aos 16 anos a fim de estudar, conclui curso de Filosofia e Humanidades e ingressa na faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Na capital, Belchior começou a dedicar-se profissionalmente à música, se apresentando em shows amadores, em programas de rádio e TV, juntamente com outros artistas da região que promoviam o fazer cultural do momento, entre eles Raimundo Fagner, Ednardo, Fausto Nilo, Cirino, Rodger Rogério e Têti, alguns dos quais alcançariam grande representatividade nacional no cenário da música popular (TEIXEIRA CARLOS, 2007, p. 76).

Foi durante o período em que cursava medicina que pôde perceber que o seu futuro não estaria na área acadêmica. Apesar de identificar-se com a intelectualidade presente no meio

universitário, a sua inclinação para a música pulsava dentro de si e não haveria outra coisa a fazer a não ser se entregar de corpo e alma à sua produção musical, abandonando o curso que havia feito por quatro anos. Mesmo diante de uma decisão que mudaria completamente os rumos de sua vida, Belchior demonstrou coragem e pareceu não se importar com aquilo que deixou pra trás, como realça em suas palavras expostas por Medeiros: “Num momento da vida, você tem que afirmar a sua própria vontade e seu próprio modo de existência. Só existe liberdade onde você pode dizer não. Então eu sempre disse o não que era necessário” (2017, p. 28).

Assim, certo do que queria para si, Belchior prossegue com seus trabalhos na área musical, entregando-se por completo. Para ele, estar diante de suas melodias e composições seria sinônimo de liberdade. *Palavra e som são meus caminhos para ser livre/ E eu sigo sim/ Faço o destino com o suor de minha mão* (Não leve flores – Álbum Alucinação, 1976).

Por não ser um músico comum, teve dificuldades na divulgação inicial de seu trabalho. Possuía uma voz anasalada que cantava lentamente as suas letras longas e complexas – características que o tornavam fora do convencional da época. Entretanto, o movimento artístico que se iniciava no Ceará naquele momento era desprezioso e lhe garantia uma liberdade não existente em outras regiões. Suas composições geravam o fascínio de seus amigos, também músicos e universitários.

Artistas que ganhariam grande reconhecimento nacional anos depois também surgiriam nesse ambiente, nos últimos anos da década de 1960. Raimundo Fagner, Ednardo, Amelinha e Jorge Melo são alguns exemplos. Essa turma de artistas reunia-se em bares ou em ambientes universitários. Adotaram em especial um bar que se tornariam um clássico ponto de encontro para todos eles: O Bar do Anísio. Esse bar, que começou como uma simples barraca na praia de Mucuripe, aumentou consideravelmente a sua demanda depois de ter sido escolhido como referência para encontros musicais.

No seu auge, em 1971, o Bar do Anísio se tornaria o maior celeiro artístico da nova música cearense, e aqueles universitários que o elegeram como anfitrião – Fausto Nilo, Raimundo, Fagner, Jorge Mello, Rodger, Tėti, Ednardo, Petrucio Maia, Cirino e outros – converteram-se nas joias mais brilhosas da cultura musical emergente. As canções surgiam com naturalidade no Anísio, mas algumas delas só se realizariam anos depois (MEDEIROS, 2017, p.35).

Neste bar se deu a composição de uma das músicas de Belchior que se tornaria mais tarde um dos clássicos da MPB na voz de grandes nomes como Elis Regina, Zé Ramalho e Oswaldo

Montenegro: a canção “Mucuripe”. Sentado no Bar do Anísio, de frente para o mar, o cantor descreveu em um guardanapo as sensações que lhe arremataram ao observar o movimento dos barcos dos pescadores da praia de Mucuripe. A letra traz uma mistura de encantamento com melancolia, no qual o eu lírico deseja desnudar-se de suas mágoas, mandando-as mar a baixo, almejando um amor leve, sem grandes compromissos. *As velas do Mucuripe vão sair para pescar/ vou mandar as minhas mágoas/ Pras águas fundas do mar/ Hoje à noite namorar/ Sem ter medo da saudade/ Sem vontade de casar [...] Aquela estrela é dela/ Vida, vento, vela/ Leva-me daqui.* O refrão da canção teve como base pensamentos do filósofo Augusto Pontes e a melodia foi feita por Fagner, ambos amigos de Belchior e também áduos frequentadores daquele local.

Nos Festivais em que participava, Belchior se colocaria inicialmente apenas como compositor. Convidava cantores para defender suas músicas nas competições, como ocorreu no IV Festival da Música Popular do Ceará, onde obteve a quinta colocação com a música “Espacial” cantada por Lúcia Menezes. O compositor a acompanhou no violão, junto a Pedro Gurjão. O vencedor desse festival foi o seu amigo Fagner, com a canção “Nada sou”.

O grupo de artistas nordestinos ao qual Belchior estava inserido passou a ser reconhecido como os “chatos da cidade” (MEDEIROS, 2017, p. 41). Em qualquer festival que ocorresse na região, a primeira colocação sempre era entregue à um deles, enquanto os outros do grupo encontravam-se também entre os finalistas. Por esse motivo, começaram a sentir necessidade de se deslocar para outros lugares, onde poderiam expor toda essa potência artística concentrada na região. “Em comum, toda aquela gente tinha vontade ainda indecisa de se estabelecer no sudeste e dali fazer sucesso nacional. Estreavam no rabicho da cultura de festivais, perdendo por idade menor e distância geográfica o quiproquó de 1968” (SANCHES, 2004, p. 232).

Foi no Rio de Janeiro que Belchior venceu o seu primeiro festival. Com a música “Na hora do almoço”, estreou como intérprete na companhia das vozes de Jorginho Telles e Jorge Nery no IV Festival Universitário da MPB, de 1971. Iniciou assim o seu deslocamento para o sudeste, a partir da reflexão de que no Ceará já havia conquistado um espaço considerável na cena cultural e que necessitava de novos ares para que sua carreira deslanchasse – raciocínio compartilhado por seus amigos artistas que o acompanhavam nessa caminhada para o reconhecimento profissional.

E foi na década de 70 que o cantor se revelou. De 1965 a 1970 apresentou-se em festivais de música no nordeste. Em 1971, ano de ditadura militar, de embate ideológico e do “milagre econômico” no país, se mudou para o Rio de

Janeiro, onde conhece Manoel Carlos, Cidinha Campos e Lúcio Alves, por meio dos quais se inscreve no IV Festival Universitário de MPB, conquistando o primeiro lugar com a música Na hora do almoço [...] (TEIXEIRA CARLOS, 2007, p. 77).

Jovem que Desce do Norte para a Cidade Grande

Belchior decide então descer rumo a um grande centro, no qual pudesse divulgar suas canções, desenvolver os seus projetos e viver de música. Sua primeira parada foi a cidade do Rio de Janeiro, onde iniciou a sua carreira tocando em bares e morando de favor na casa de amigos. Mas a cidade carioca não foi o lugar em que Belchior se fixou para desenvolver seus trabalhos. Após uma temporada no Rio de Janeiro, ele decide se entregar à capital paulista em busca de oportunidades para seguir com seus projetos e criar o seu primeiro álbum, que levaria o nome de *Mote e Glosa*, lançado em 1974.

Uma das composições presentes em seu primeiro álbum já apresentava o seu carinho pela cidade paulista, esta que, ainda sem saber lhe levaria ao reconhecimento profissional. A canção “Passeio” era um convite para caminhar pela cidade, conhecendo toda a sua beleza. *Vamos andar pelas ruas de São Paulo/ por entre os carros de São Paulo [...] Vamos sair pela rua da Consolação/ Dormir no parque em plena quarta feira/ e sonhar com o domingo em nosso coração*. Entretanto, o compositor demonstra outros tipos de sentimentos no decorrer da letra. Como quando cita a vontade que a cidade lhe dá de gritar ou fugir, trazendo um aspecto negativo do seu contato com a capital.

Esse aspecto é tratado mais claramente na canção “Fotografia 3x4”, do seu segundo álbum *Alucinação*. Nessa letra, Belchior trata da sua trajetória, realçando as dificuldades do jovem que “desce do norte para a cidade grande” e relata sobre a sua experiência no eixo Rio – São Paulo: *Pois o que pesa no norte/ pela lei da gravidade/ Disso Newton já sabia/ Cai no sul grande cidade/ São Paulo violento, corre o rio que me engana/ Copacabana zona norte/ os cabarés da lapa onde eu morei [...] Jovem que desceu do norte/ que no sul viveu na rua/ e que ficou desnortado/ como é comum no seu tempo*. Essa letra traz o caráter negativo de sua experiência na capital, dos momentos em que passou fome, frio e não teve onde morar, demonstrando ter passado necessidades extremas, onde lhe faltava o básico.

Outros cantores nordestinos, como Caetano Veloso por exemplo, também compuseram sobre as suas experiências de migrar para o sudeste, mais especificamente para a cidade de São Paulo. Trataram do medo, da insegurança e da indiferença sofridos na grande metrópole, em

contraponto com a expectativa de prosperar em seus desejos. A metrópole era tida como um lugar onde os artistas projetavam os seus sonhos diante das variadas oportunidades que eram ali oferecidas, numa busca constante da felicidade na realização profissional. Segundo Edgar Morin, a felicidade pode se classificar em dois tipos opostos: a felicidade pautada na ação, ou seja, na transformação das estruturas, e a felicidade pautada na tranquilidade de uma vida segura e estável. “O ideal imaginário da vida que arrisca tudo se opõe ao ideal prático da segurança contra todos os riscos” (MORIN, 2011, p. 120). Assim, os nordestinos que se deslocavam para o sudeste, o enxergavam como um local de transformações, que lhes proporcionaria uma felicidade decorrente da ação e da mudança completa de seus estilos de vida.

O cantor baiano Tom Zé conta um pouco da sua experiência de se arriscar na cidade de São Paulo, descrevendo sobre a dualidade de sentimentos causados por essa mudança na letra “São, São Paulo” presente no álbum *Grande Liquidação* (1968). Nela, o cantor apresenta o amor e a dor existentes na sua relação com a capital. *São, São Paulo meu amor / São, São Paulo quanta dor / São oito milhões de habitantes / De todo canto em ação / Que se agridem cortesmente / Morrendo a todo vapor / E amando com todo ódio / Se odeiam com todo amor.* Percebe-se que o amor descrito pelo cantor está ligado a esta felicidade baseada na ação e na transformação de sua vida que possibilitou um maior poder de consumo e que “[...] incita não só a consumir produtos, mas a consumir a própria vida” (MORIN, 2011, p. 120). Em contraponto, estaria o ódio decorrente da falta de tempo, da violência, do excesso de preocupação e de toda a burocratização presente no cotidiano dos moradores da capital paulista.

Caetano, em sua clássica música “Sampa” do álbum *Muito – Dentro da Estrela Azulada*, de 1978, descreve, a partir de sua visão genuína de nordestino, como sofreu ao conhecer esse mundo novo e quais foram as suas primeiras impressões ao se mudar para a capital paulista, afirmando logo no início que ao chegar ali, nada entendeu. Sofreu, assim como Tom Zé e Belchior, das angústias de um imigrante, ao se deparar com a opressão, a violência e o descaso. *E foste um difícil começo / Afasto o que não conheço / E quem vem de outro sonho feliz de cidade / aprende depressa a chamar-te de realidade.* Por outro lado, descreve o seu encanto pelos poetas, pela música e por toda a cultura pulsante na cidade, demonstrando a sua dualidade de sentimentos.

Assim, São Paulo representava para os artistas nordestinos a dualidade de uma cidade-sonho, que lhes oferecia oportunidades, ao mesmo tempo que lhes tirava a paz. Esse vínculo afetivo criado com a capital partiria então de suas contradições, do amor e da dor, ou como

afirmaria o próprio Caetano, a capital paulista seria para eles *o avesso, do avesso, do avesso, do avesso*.

No final da década de 1960, esse deslocamento para o sudeste contribuiu para um grande movimento cultural, que revolucionaria os modos de fazer música e arte no Brasil. O Movimento Tropicalista reuniu artistas de várias regiões do país (principalmente nordeste e sudeste) e desenvolveu uma mistura de cores e ritmos, desafiando os moldes da construção musical até então conhecidos e propondo inovações estéticas em todos os campos da arte. A Tropicália se revelou principalmente na música, envolvendo grandes nomes como Gal Costa, Caetano Veloso, Tom Zé, Os Mutantes, entre outros. Influenciou também o cinema brasileiro, com Glauber Rocha, impulsionando o Cinema Novo⁵, o teatro e as artes plásticas, tendo como destaque o artista Hélio Oiticica.

Essa postura apropriada pelos tropicalistas teve sua inspiração na contracultura – movimento de contestação à cultura ocidental dominante. A transgressão apresentava-se como marca forte da juventude dos anos 1960, que buscava romper com todos os padrões da moral, dos bons costumes e das normas impostas, valorizando uma cultura marginal e uma liberdade sexual que tinha como foco a modificação dos valores e do comportamento instituído. A partir disso, a contracultura se desenvolveu por meio de uma série de movimentos, como por exemplo, os movimentos feministas e de outras minorias (como negros, homossexuais, etc.), o uso de drogas como libertação, os questionamentos em relação ao padrão de família, as lutas estudantis, etc. (VARGAS, 2010).

Belchior, que na década seguinte do surgimento do movimento tropicalista lançaria o seu primeiro álbum, optou por seguir um caminho um pouco diferente. Mesmo que andante e adepto de um estilo de vida boêmio, não tinha como foco a subversão presente no movimento contracultural. Queria mudar as coisas, mas também queria amá-las, como afirma na canção “Alucinação”. Nela, deixa claro que a sua alucinação e o seu delírio iriam além do consumo de outras substâncias, estariam na verdade presentes na busca pelo real. *A minha alucinação/ é suportar o dia a dia/ e o meu delírio é experiências/ por coisas reais*. Assim, Belchior rebelava-se de outro modo, por meio de um caminho solitário, no qual fazia reflexões sobre o amor, questionava a dureza da vida, a excessiva entrega aos padrões de consumo, tentava compreender o lugar de onde veio e para onde vai e valorizava um contato humano que se bastava nas suas contradições e no seu cotidiano - ao mesmo tempo banal e fantástico.

⁵ Gênero cinematográfico exclusivamente brasileiro, que se estabeleceu na metade do século XX e se destacou por dar ênfase à igualdade social e ao intelectualismo.

A Tropicália, por outro lado, seguia os ditames da contracultura no que se refere a postura transgressora do movimento. Os artistas envolvidos tinham como objetivo romper coloridamente com a música popular brasileira padrão, mesclando ritmos, performances, crítica e deboche em suas produções. Teixeira Carlos descreve a Tropicália como um movimento de vanguarda, que inovou propondo mudanças nas estruturas musicais e culturais até então existentes no Brasil (TEIXEIRA CARLOS, 2014). A partir da ideia de “Antropofagia”, que no movimento significava o ato de devorar a cultura estrangeira, se criava uma assimilação desta com a cultura nacional, unindo oposições que resultavam em uma grande mistura. “O movimento propõe a relação ‘harmônica’ (ou não) entre elementos da alta e da baixa cultura, do bom e do mal gosto, do rural e do urbano, do nacional e do internacional [...]” (TEIXEIRA CARLOS, 2014, p. 216).

Em uma simples análise à obra de Belchior, pode-se perceber que ele também promove essa mistura, ao propor um som legitimamente brasileiro sem deixar de lado as suas influências europeias, que aparecem em seu som e em suas composições. Na canção “Velha Roupas Coloridas”, o cantor traz, junto às marcas da urbanidade (*[...] correr no seu carro, loucura, chicle e som*), trechos que fazem referência à artistas internacionais, como em *Nunca mais seu pai falou she’s leaving home*, no qual o cantor se utiliza do nome de uma canção dos Beatles para compor o seu verso (“She’s Leaving Home”, do álbum *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*, de 1967). No verso seguinte da canção ele evoca uma de suas grandes inspirações, o cantor norte-americano Bob Dylan, ao citar *Like a Rolling Stone*, uma de suas canções de grande sucesso, presente no álbum *Highway 61 Revisited*, de 1965.

Entretanto, mesmo dialogando com influências estrangeiras, Belchior legitima em suas canções uma certa latinidade - um tango argentino lhe cairia bem melhor que um blues⁶. Isso pode ser analisado a partir do termo “Baby”, título de uma canção de Caetano que ganhou vida na era tropicalista na voz de Gal Costa, e também citada na música “Coração Selvagem” de Belchior.

Enfatizando que *Você precisa aprender inglês*, Baby incita, sem disfarçar, uma relação forte com o primeiro mundo. “Seu diálogo principal era nitidamente travado com a canção pop norte-americana. Nem a melodia, nem a letra, nem o título da composição escondiam esse propósito” (TATIT, 2004, p. 217). Belchior por outro lado, apesar de não contrariar a relevância da cultura pop internacional, faz questão de demarcar o seu lugar de latino-americano e, mais

⁶ Canção “A palo seco”, álbum *Alucinação*, 1976.

especificamente de brasileiro, ao se utilizar propositalmente, em “Coração Selvagem”, do termo em português *Meu bem* e provocar: *Que outros cantores chamam baby*.

Em seu trabalho de enaltecer a sua região de origem, Belchior se intitula como “apenas um rapaz latino-americano”. Entender um pouco sobre o que é ser “apenas” isto, é também compreender toda a atmosfera que envolvia o processo criativo e reflexivo do cantor. Apesar de afirmar que não sente necessidade de enfatizar a sua regionalidade, pois é algo que já carrega consigo, Belchior constata em suas canções as dores e as delícias de ser latino-americano. Apresenta assim, o que é chamado por Teixeira Carlos de “canção identidade”, na qual uma fraternidade latino-americana é demonstrada através de sentimentos e situações vividas por esse povo. Teixeira Carlos retrata em sua tese também, a opinião de Belchior sobre o que significaria ser apenas um rapaz latino-americano, em uma entrevista dada por ele:

“Sobre a música, Belchior avalia em 83: ‘[...] [Latino-americano] Portanto, uma pessoa na esquina do mundo, uma pessoa do terceiro mundo, uma pessoa na expectativa, uma pessoa dependente economicamente do restante do mundo, mas com uma capacidade enorme de desdobramento vital, de resistência, de rebeldia do espírito, de novidade, de transformação, de poder do novo” (TEIXEIRA CARLOS, 2014, p. 229).

Na canção que leva esse nome, o “apenas” aparece quase que ironicamente, afinal ser “apenas latino-americano” requereria coragem. No decorrer da música, o eu-lírico apresenta-se como alguém destemido e transgressor. Que não faz canções como se deve, limpas e leves, pois não pode cantar como convém. Afirma que a vida é bem pior que a arte e se quiserem lhe matar que seja logo, para que não atrapalhe os seus compromissos de mais tarde. Finaliza retrucando a alegria de Caetano Veloso, ao proclamar que *Nada é divino, nada é maravilhoso*, em uma desilusão filosófica e realista do agora.

Em “Meu Cordial Brasileiro”, canção presente no álbum *Era uma vez um homem e seu tempo* (1979), Belchior trata especificamente do sujeito de seu país e de um comportamento típico de seu povo. *Meu cordial brasileiro/ me conta o quanto é contente e quente/ Sorri de dente de fora, no leito/ Sulamericanamente*. O nome da música apresenta-se como uma possível referência ao conceito de “Homem Cordial” desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda, no qual a cordialidade não se apresenta apenas como uma boa-educação ou polidez, mas como um comportamento do sujeito brasileiro que a partir da colonização desenvolveu uma necessidade de apropriação afetiva do outro, ainda que numa relação pautada no abuso de poder. A relação do homem cordial com os demais se constituiria então mais pela emoção do que pela racionalidade. Belchior, na canção, descreve essa cordialidade do seu povo, mas ao mesmo

tempo propõe uma postura de resistência frente à essa exploração. *Senhor não me perdoa/ eu não estar numa boa/ perder sempre a esportiva/ Frente a esta gente indecente/ que come, drome, consente/ que cala, logo está viva/ Também estou vivo, eu sei/ Mas porque posso sangrar.* E conclui evidenciando *que o pecado nativo/ é simplesmente estar vivo/ é querer respirar.*

Belchior, junto a esses outros artistas, sente-se pertencente a uma latinidade que não se esgota no seu local de nascimento – um país subdesenvolvido da América do Sul. Pelo contrário, surge desse lugar e se expande. A atmosfera do terceiro mundo caracterizada pelas desigualdades sociais, pela fome, pela marginalização de determinados grupos, pelo calor do clima e pelo calor dos afetos constrói um lugar comum no qual os latinos se encontram e pelo o qual Belchior se enxerga. Não se trata assim de um mero estar juntos, mas da condição da possibilidade de uma vinculação compreensiva (SODRÉ, 2006). A questão principal não seria estar no mesmo local no mapa, mas como isso influencia nos aspectos sociais e afetivos da sua vida, e na sintonia criada com os sujeitos provenientes de um mesmo lugar. “O comum é a sintonia sensível das singularidades, capaz de produzir uma similitude harmonizadora do diverso” (SODRÉ, 2006, p. 69).

Assim, Belchior carrega em sua obra uma grande carga identitária, reflexo de sua experiência como um sujeito latino-americano, brasileiro e cearense. Suas composições nascem a partir de suas vivências em seu local de origem e no continente no qual ele pertence, dialogando entre si todas as suas faces e atravessando ainda as fronteiras, agregando-se à influências estrangeiras. “A obra de Belchior tem várias filiações, ou seja, institui desde os valores interioranos, passa pelas questões latino-americanas e chega ao mundo além-fronteiras brasileiras e latinas. São essas três inscrições que dialogam a todo momento na obra” (TEIXEIRA CARLOS, 2014, p. 229).

A interação entre essas três faces trouxe bons resultados para a carreira de Belchior que tornou-se um artista de grande renome no país, visto como um importante compositor e poeta. Elis Regina, cantora gaúcha famosa por suas belas interpretações, tornou-se forte admiradora das canções de Belchior, escolhendo algumas para compor o seu repertório. Esse fato influenciou fortemente na carreira do cantor cearense que passou a ter mais visibilidade e a conquistar o seu lugar de cantor e compositor na década de 1970 até os dias atuais.

Considerações Finais

Em síntese, Belchior aparece como importante fonte de estudo para se discutir o sujeito pós-moderno e principalmente o sujeito pertencente a um país subdesenvolvido e tudo que isso representa. As três faces de sua obra (ser cearense, brasileiro e latino-americano) dialogam diretamente com os temas abordados por ele: fome, desigualdade, medo, solidão, amor, etc. O homem que sai do norte e enfrenta a violência e a solidão urbana, ao mesmo tempo que aprende a lidar com seus sentimentos, responde a isso tudo com poesia e constrói essa grande obra.

Belchior despontou no cenário nacional carregando consigo uma bonita e intensa trajetória. Percorreu estados do Brasil levando o seu sonho e som, abordando de maneira única temas como urbanidade, nordestinidade, localização no tempo e no espaço e nosso papel como sujeitos. Na era pós-tropicalista, transgrediu da sua maneira, menos colorida, mas não menos poderosa, questionando formas de viver, o consumo excessivo, a pobreza e a desigualdade social. Além disso, nos apontou uma fraternidade latino-americana que compartilha de experiências semelhantes e estimula uma sensação de pertencimento.

Em outras palavras, o cantor era um sonhador que tinha pressa de viver. A sua imensa sensibilidade encontrava morada nas cordas do violão, nas letras cuidadosamente compostas sobre as folhas de papel, na entrega às ruas, ao público, à arte. Por ser de lá, do sertão, lá do cerrado trazia a força e a coragem do sertanejo, inspirada em seu pai. Seu caminho era peregrino, da religiosidade à boemia, do mais profundo intelecto dos livros e do curso mais disputado de uma universidade pública ao amor, humor das praças cheias de pessoas. Belchior transcendia-se ocupando tudo. Ao meu ver, ele não era uma coisa só. Era um complexo muito bem elaborado pelas mãos divinas - ou seria pelo delírio da experiência por coisas reais? Não sei dizer. Mas o que se pode afirmar é que o menino do interior do Ceará se entregou à vida e a seus sonhos como poucos. Mergulhou. Mas mais do que isso: se afogou na imensidão da arte, arrancando-nos o fôlego.

REFERÊNCIAS

Livros, artigos, dissertações e teses:

ALCÂNTARA, Jânio de Souza; LUCENA, Carlos Alberto. **O Processo Histórico da Industrialização Brasileira e a Educação Profissional: As inovações tecnológicas e a formação do trabalhador.** Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/J/Janio%20de%20souza%20alcantara.pdf> Acesso em: 16 jun. 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética.** 55ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CAMINHA, Iraquitana de Oliveira; GOMES, Isabelle Sena. Atitude blasé e inteligência: uma breve descrição do habitat do metropolitano. **Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp,** Campinas, v. 11, n. 4, p.147-158, out. 2013.

DIAS, Lucy. **Anos 70: enquanto corria a barca: anos de chumbo, piração e amor: uma reportagem subjetiva.** 2ª ed. São Paulo: Senac, 2004.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano.** São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FERNANDES, Carlos. **O homem cordial na formação do Brasil.** Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/o-homem-cordial-na-formacao-brasil.htm>> Acesso em: 16 jun. 2019.

MEDEIROS, Jotabê. **Belchior-Apenas um rapaz latino-americano.** São Paulo: Editora Todavia SA, 2017.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo 1: neurose.** 10ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

NETO, João Cabral de Melo. **A palo seco.** Disponível em: <<http://www.apocaodepanoramix.com.br/a-palo-seco-de-joao-cabral-de-melo/>>. Acesso em 16 jun. 2019.

OLEQUES, Liane Carvalho. **Cinema Novo.** Disponível em: <<https://www.infoescola.com/cinema/cinema-novo/>>. Acesso em 16 jun. 2019.

Oliveira, Ana de. **Identificados: Movimento.** Disponível em: <www.tropicália.com.br>. Acesso em: 16 jun. 2019.

SANCHES, Pedro Alexandre. **Como dois e dois são cinco: Roberto Carlos (& Erasmo & Wanderléa).** Boitempo Editorial, 2004.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOVIK, Liv. **Tropicália rex: música popular e cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.

TATIT, Luiz. **O século da canção.** Ateliê Editorial, 2004.

TEIXEIRA CARLOS, Josely. **Fosse um Chico, um Gil, um Caetano: uma análise retórica discursiva das relações polêmicas na construção da identidade do cancionista Belchior.** 2014. 690 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

TEIXEIRA CARLOS, Josely. **Muito além de um rapaz latino-americano vindo do interior: investimentos discursivos das canções de belchior**. 2007. 276 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

VARGAS, Herom. Condições e contexto midiático do experimentalismo na MPB dos anos 1970. **Intexto**, Porto Alegre, p.87-102, jul. 2010. Quadrimestral.

Álbuns Musicais

BELCHIOR. **Belchior (Mote e Glosa)**. São Paulo: Continental, 1974. Disco sonoro (29min26s).

_____. **Alucinação**. São Paulo: Polygram, 1976. Disco sonoro (37min32s).

_____. **Coração Selvagem**. São Paulo: Warner Music Group, 1977. Disco sonoro (32min58s).

_____. **Era uma vez o homem e seu tempo**. São Paulo: Warner Music Group, 1979. Disco sonoro (38min).

_____. **Objeto direto**. São Paulo: Warner Music Group, 1980. Disco sonoro (47min).

COSTA, Gal; GIL, Gilberto; VELOSO, Caetano. **Divino Maravilhoso**. In: Gal Costa (álbum). São Paulo: Philips, 1968. Disco sonoro. Faixa 2, lado b (4min20).

COSTA, Gal; VELOSO, Caetano. **Baby**. In: Gal Costa (álbum). São Paulo: Philips, 1968. Disco sonoro. Faixa 4, lado b (3min32s).

DOMINGUINHOS; GIL, Gilberto. **Lamento Sertanejo**. In: Refazenda (álbum). São Paulo: Warner Music, 1975. Disco Sonoro. Faixa 10, lado b (4min20).

DYLAN, Bob. **Highway 61 revisited**. Columbia Records, 1965. Disco sonoro (51min26s).

THE BEATLES. **Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band**. Londres: Parlophone, 1967. Disco sonoro (39min42s).

TOM ZÉ. **Grande Liquidação**. São Paulo: Rozenblit, 1968. Disco sonoro (36min).

VELOSO, Caetano. **Muito – dentro da estrela azulada**. São Paulo: Philips (CBD), 1978. Disco sonoro (44min).

Audiovisual

TV CULTURA. **Belchior – MPB Especial**. 1974. (51min42s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=94-rOEVnyDg&t=220s> >. Acesso em 16 jun. 2019.

TV ESCOLA. **Professor Pasquale entrevista o cantor Belchior – Nossa Língua Portuguesa**. 1996. (27min54s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=joB1oBzNSQI> >. Acesso em 16 jun. 2019.